











*alguém que olhe para as pessoas assim”. A única coisa que ele e eu temos em comum é um amor pela Física e pela universidade, por isso fiquei tão impressionado por ele ter dito algo assim. Então, eu me perguntei: “Afinal, o que ele viu para me dizer isso?” O texto da Escola de Comunidade me ajudou, onde diz: “A responsabilidade dos cristãos é ser aquilo que conheceram, aquilo que se tornou parte de sua mente e de seu coração. Somos, portanto, responsáveis por ser o que somos, aquilo a que fomos chamados por Jesus no Batismo e no encontro que o levou a florescer. Nossa responsabilidade é sermos amigos segundo um encontro que tivemos. E essa amizade não pode deixar de incidir nas relações que se estabelecem na família, no trabalho e na vida social e política” (p. 135).*

Pertencer ao nosso povo gera pessoas como você, que também vivem diante de adversários políticos, de tal forma que um estudante de extrema-esquerda, quando há necessidade de uma pessoa que se preocupe com o ensino para os próprios companheiros, pensa que só você, por sua capacidade de ser amigo e pelo modo como vê você se relacionar com os outros, pode ser a pessoa certa para aquela tarefa política. Isso me surpreende. O que será que ele viu para pensar: “Eu posso confiar nesse cara, por isso quero encorajá-lo a se candidatar porque vai ser bom para todos, para a universidade, para os colegas”? Ele não lhe propôs isso porque não sabia quem você era, e era seu adversário, mas justamente porque ele te conhece, porque ele sabe o quanto você é amigo dos outros. Esse é apenas um exemplo; não esgota toda a questão, mas documenta o tipo de contribuição, de colaboração que podemos dar à vida pública quando somos gerados do modo como você foi gerado: um amor por seus colegas na universidade, levando-o a se preocupar com as coisas que dizem respeito a eles.

A mesma coisa acontece na amizade, como você leu: “Nossa responsabilidade é sermos amigos segundo um encontro que tivemos” (p. 135). Uma amiga enviou uma pergunta justamente sobre isso.

*Oi. Cuidando da minha mãe, que está há muitos anos na cama, vivo um tipo de “prisão”. Um dia, estava sentindo um peso tão grande a ponto de dizer que não aguentava mais, sentia toda a injustiça da vida, porque essa situação me deixa na dependência total da disponibilidade de outras pessoas, até para encontrar espaço para as coisas normais: fazer compras, ir ao médico, dar um passeio. Mas bastou um momento de memória dos rostos felizes dos meus amigos especiais para que eu parasse de sufocar o meu desejo infinito, esse desejo que é indispensável para fazer o caminho para a alegria que eu quero para mim. Conte isso a uma pessoa que, com boas intenções, me disse para levar em consideração os meus pequenos desejos para não sufocar. Percebi que não preciso ser apoiada dessa forma: na verdade, minha cabeça já está cheia do que eu gostaria e, onde é possível, eu realizo. Preciso de alguém que me ajude a estar à altura do meu desejo infinito! Muitas vezes, no entanto, tenho a percepção de que entre nós, nos distraímos disso. Não porque o desejo infinito e os desejos finitos sejam alternativos, mas porque o desejo infinito, de fato, é percebido como algo pouco concreto. Então peço para você aprofundar, primeiro: o que significa “sermos amigos segundo um encontro que tivemos” (p. 135)? Segundo: o que quer dizer “que nos ajudemos a redescobrir a realidade, a redescobrir aquilo que é, que nos ajudemos a olhar, a tocar, a ver, a ouvir tudo [tudo!] o que é, de modo que possamos chegar a dizer: “Só Ele é.” (pp. 139-140)?*

Quem descobriu o que significa “sermos amigos segundo um encontro que tivemos”?

*Boa noite. Ler o texto da Escola de Comunidade esta semana me impressionou como poucas vezes na minha vida. Estes têm sido meses muito estranhos para mim, com o peso da situação mundial que começa a se tornar um cansaço constante nos meus dias. Até agora a família tinha sido um pilar bastante sólido em me acompanhar, assim como as esporádicas conversas telefônicas com os amigos. Mas tudo isso pode realmente bastar? A mudança foi gradual: lentamente parei de contatar meus amigos; ler o texto da Escola de Comunidade tornou-se cada vez mais um peso, até que eu decidi que não valia mais a pena. O resultado de tudo isso foi um vazio desesperado*

*permeando todos os meus dias, uma sequência de distrações e de emoções externas. Meus dias tinham agora se tornado uma justaposição constante de tédio profundo e extrema agitação. No auge de tudo isso, comecei a ler o novo capítulo da Escola de Comunidade, quase como pela necessidade de um último recurso sólido. Dois pontos viraram tudo de cabeça para baixo. Primeiro: o modo como o povo é descrito, a totalidade de uma companhia assim, a tensão a um ideal comum, como sendo o que define a vida do indivíduo, que só pode acontecer graças à vida dentro do povo. Só reconheço agora o quanto isso me fez falta. Isso me abriu para um olhar novo sobre a comunidade, real eu diria, porque nunca tinha sentido uma necessidade tão concreta de companhia. Estava ali, simples, precisa, a resposta de qual companhia exatamente eu precisava, porque para certas faltas que o coração carrega, não basta uma companhia aleatória. O segundo ponto talvez possa ser resumido com a frase: “A presença é a característica do ser de Deus” (p. 139). Aqui, aqui no mundo. Essa frase é um tapa na cara. Então ele está dizendo que está presente, sempre, de verdade, aqui e agora? Depois, o texto continua: “Esta é a glória humana de Cristo: que se torne tangível, experimentável, o fato de Cristo ser aqui e agora o significado exaustivo de tudo” (p. 140). Bem, depois do tapa, essa frase é um novo salto. Essa frase também é verdadeira para mim. Lendo-a sentia que era fisicamente impossível negá-la: como eu poderia negar que ali, ali está descrita toda a minha vida e a necessidade profunda do meu coração? E assim, simples e dolorosamente, também a pergunta dos próximos Exercícios – “Há esperança?” – não pode permanecer sem solução, nem apenas algo carinhosamente pendurado na parede com um belo post-it com a palavra “Cristo” colado embaixo como resposta. Todos sabemos como um golpe de vento arranca os post-it! Quero essa pergunta sempre, e para sempre, impressa nas minhas manhãs para eu poder, espero, ir dormir todas as noites dando uma resposta afirmativa; não por uma positividade estúpida e ingênua, mas pelo reconhecimento de um Amor que opera na minha vida incessantemente, apenas esperando por mim. Tenho cada vez mais carinho pela sua companhia no meu caminho.*

Obrigado, pois com seu testemunho você respondeu à pergunta sobre como ser amigos segundo o encontro feito: o que você precisa é de uma companhia em que você possa perceber a tensão a um ideal comum. Essa é a amizade segundo o encontro feito, porque o encontro introduz a tendência a não nos contentarmos, a sermos constantemente resgatados das nossas distrações para nos lançar cada vez mais em direção àquilo para o qual fomos feitos, para a realização do desejo infinito para o qual o Mistério nos criou. Por isso, não basta satisfazer os pequenos desejos para sentirmos que está tudo bem, como você disse. É preciso uma companhia que esteja à altura do nosso desejo infinito e que o desperte em mim continuamente através de algo real, concreto. Essa é a característica do ser de Deus, que muitas vezes parece abstrato. Aqui, chegamos ao ponto que Giussani identifica: “De fato, o perigo mortal, hoje, na Igreja, é a abstração (mesmo quando dizemos “Cristo”); e todos os discursos possíveis e imagináveis podem ser feitos em cima de uma palavra abstrata” (p. 139). Então a questão é como vemos em nós a vitória sobre essa abstração.

*Há algum tempo comecei a fazer estágio numa associação que acolhe migrantes, toxicodependentes e pessoas sem teto. Minha tutora me pediu, além de algumas horas no escritório, para participar do serviço, fazendo turnos noturnos. Deparei-me com muita dor, com um grande abandono, conheci pessoas com doenças psiquiátricas e vícios graves. Depois do meu turno, eu voltava para casa feliz. Porém, também percebia um grito surdo em mim: não era claro para mim o sentido de eu me deparar com a dor dos outros e o sentido do meu gesto, de eu me ocupar com aquilo. Percebia uma desproporção entre mim e aquela imponte presença de dor, uma desproporção perturbadora. No dia seguinte – e este é o segundo fato – fui ao funeral da irmã de um grande amigo meu, que tinha uma deficiência grave que a obrigava a ficar numa cadeira de rodas e precisava ser atendida em todas as suas necessidades. Ali, algo enorme aconteceu para minha vida, que também iluminou a experiência da noite anterior. Percebi que, no fundo, não faz sentido ir encontrar os outros sem a consciência do propósito pelo qual aquela família cuidou tanto daquela moça, qual seja, a presença do Mistério que habita o mundo. O Mistério realmente se fez*

*carne? A resposta natural que brotava do meu coração era que, sim, eu estava fazendo experiência de um mundo novo no mundo. Vivi aquela hora de Missa como nunca tinha vivido nada antes, realmente nada! Aconteceu algo que demoliu minha maneira de olhar para o mundo. Percebi que desejo servir o mundo como os familiares dela a serviram. Ela era – e é – o sinal do Mistério entre nós, e só por isso seus familiares puderam olhar para ela do modo como o fizeram. A partir dessa experiência, nasceu em mim uma nova sensação de desproporção, que era totalmente diferente da sensação da noite anterior. Nasceu em mim um desejo de aprofundar o significado do que eu vivi naquele dia. Disso também nasceu um desejo de tratar bem o mundo, porque ele foi criado. Caminhando pela cidade no dia seguinte, percebi que não queria jogar no chão um papelzinho que eu tinha na mão e me senti estúpida; pensei: “O aprofundamento do que eu vivi não passa por essas coisas tão fúteis!” No entanto, percebia que, misteriosamente, também passava por aquele pequeno cuidado. À noite senti um grande desejo – pela primeira vez tão claro – de seguir esse lugar que é a Igreja, que conheci através dos amigos. Fiquei tocada ao ler no texto da Escola de Comunidade que “a glória de Jesus é um fato deste mundo, não do outro mundo”, e que “um homem de dois mil anos atrás não pode estar presente aqui: se está presente aqui, é Deus” (pp. 137 e 139). Fico impressionada por dizer essas coisas, porque antes do outro dia eu não as teria entendido e teria medo de dizê-las. Mas vivi algo que me “sequestrou”. E voltei a pensar que estou dentro de uma história que me trouxe aqui. Para mim, isso é uma revolução e eu me pergunto: como é possível viver todas as coisas à altura da descoberta que fiz?*

A primeira questão é reconhecer o que vence a abstração de que falávamos antes. “A única coisa que vence a abstração é o presente” (p. 139), algo presente. Que você viu no modo com que a família tratou sua filha deficiente e, depois, percebeu claramente na Missa: “Não faz sentido ir até os outros sem a consciência do propósito pelo qual aquela família cuidou tanto daquela moça, qual seja, a presença do Mistério que habita o mundo [...], um mundo novo no mundo de sempre”. Isso despertou novamente todo o seu desejo de ir atrás e seguir esse lugar que é a Igreja, pertencendo ao lugar do qual todos participamos. Por quê? Porque ali se documenta a glória de Jesus, que é um fato deste mundo, não do outro mundo. Jesus existe porque está presente, porque está presente no meio de nós; e nós O vemos de modo tão concreto a ponto de reconhecê-Lo presente. Você se pergunta: “Como é possível viver todas as coisas à altura da descoberta que fiz?” Que cuidado ter, que tipo de trabalho é preciso fazer para conviver com a consciência da concretude de Cristo, para não reduzi-Lo a algo abstrato? Tudo o que estamos nos dizendo esta noite tem essa concretude.

*Cito uma frase: “Fora da paixão pela glória humana de Cristo, nada existe que possa, com um mínimo de estabilidade e de equilíbrio, dar alegria ao coração” (p. 140). Em relação a esta passagem, durante uma Escola de Comunidade uma pessoa nos perguntou: “Você tem algum exemplo disso?” Percebi que no último ano, a partir do primeiro lockdown, cresci muito nesse ponto. Durante aquele período, senti uma estranha serenidade em relação às restrições e às coisas que eu não podia fazer, apesar de ver ao meu redor pessoas abatidas, tristes, com raiva. Comecei a me perguntar a origem daquela serenidade, também pronta para encontrar como resposta que, no fundo, eu me sentia assim porque sou superficial e inconsciente. Porém, aos poucos, percebi que minha serenidade não era uma inconsciência, mas fruto do caminho que estou fazendo, a passos pequenos, dentro desta companhia. A serenidade deriva de uma experiência, o importante é fazer memória. Por isso, de uma forma misteriosa para mim, vivi o lockdown com serenidade e também com curiosidade. Queria descobrir o que eu poderia aprender com aquela situação. Percebi que fiz essa mesma experiência, aparentemente tão banal, quando meus pais foram hospitalizados por causa da covid-19. Em particular, houve uma noite – quando meu pai ainda estava em casa comigo – em que experimentei totalmente a minha impotência diante da situação; dia após dia percebi que tinha uma serenidade que também derivava da experiência do primeiro lockdown: teria sido estúpida em negar o que eu tinha experimentado, teria negado a mim mesma se tivesse negado a experiência de uma certeza que nasceu silenciosamente de tantos pequenos fatos que aconteceram na minha vida. A única coisa que eu podia fazer era observar o que estava acontecendo, passo a*



*passo. Naqueles dias, percebi que eu era totalmente impotente, mas a minha impotência era sustentada. Explico: o que fazia com que a minha impotência não me esmagasse eram realmente a companhia (sinal da companhia de Alguém maior que não me deixa sozinha) e a oração dos amigos. Esta, para mim, é a experiência da paixão pela glória humana de Cristo que dá alegria ao coração de modo estável, em qualquer circunstância. E sei que poderei negar essa experiência, mas nunca esquecê-la.*

Obrigado. “Como é possível”, então, “viver todas as coisas à altura da descoberta que fiz?”, perguntou nossa amiga, antes. Simplesmente, como você disse: a única coisa a fazer é ficar observando o que acontece, passo a passo, educando-nos a essa atenção, de modo que descobrimos que até a nossa impotência é sustentada e, portanto, que há a ação de algo real que faz você experimentar que a glória humana de Cristo está presente. O que torna possível estar à altura da descoberta feita é – para responder à pergunta de antes – a memória. Mas, para nós, como vimos esta noite e como Giussani sempre nos ensinou, a memória não é apenas uma lembrança, mas algo presente. Todos, esta noite, se referiram a coisas reais, presentes: um amor entre nós; uma amizade que antes era absolutamente impensável; ouvir falar sobre filosofia com um entusiasmo não óbvio; o “nós” dentro da definição do “eu” que, assim, alcança sua maior maturidade; a criatividade diante de todas as circunstâncias (também no ensino remoto); o reconhecimento de que o acontecimento d’Ele me faz respirar; a gratidão imensa por uma superabundância de iniciativas na própria vida. Poderíamos ficar aqui até à meia-noite apenas lembrando, trazendo à tona a memória de tudo o que documenta como a presença é a característica do ser de Deus. Como diz São Tomás, citado por Dom Giussani: “O nome ‘Aquele que é’ significa estar no presente, e isso corresponde de modo mais absolutamente próprio a Deus, cujo ser não conhece nem passado nem futuro”. Mas a Presença é documentada de modo ainda mais evidente através do Verbo feito carne, presente entre nós; agora podemos tocá-lo mais, depois de ter ouvido todas essas colocações. “Aquele que está presente entre nós é Cristo Verbo encarnado, nascido de uma mulher, morto e ressuscitado” (p. 139). Se citarmos essas palavras, essas frases, sem relação com os fatos que contamos, tudo se torna abstrato e a Escola de Comunidade permanece apenas um conjunto de frases que não nos tocam, algo vazio. Porém, é o oposto: “Um homem de dois mil anos atrás não pode estar presente aqui: [e] se está presente aqui [é porque] é Deus. Essa é a glorificação de Cristo. Reconheço um Presente que é dominante, determinante. Se assim não fosse, não seria presente” (p. 139). Por isso, Dom Giussani nos diz qual é o trabalho que devemos fazer, qual é a iniciativa que devemos tomar continuamente: “É preciso que nos ajudemos [ajudarmo-nos reciprocamente, como amigos] a redescobrir a realidade, a redescobrir aquilo que é, que nos ajudemos a olhar, a tocar, a ver, a ouvir tudo o que é, de modo que possamos chegar a dizer: ‘Só Ele é’. Esta é a glória humana de Cristo: que se torne tangível e experimentável, o fato de Cristo ser aqui e agora o significado exaustivo de tudo. Se algo ficasse fora de Cristo, Ele nada seria, pois não seria Senhor disso” (pp. 139-140). Toda a tentativa da história à qual pertencemos é a educação a surpreendê-Lo presente. Giussani fez um resumo belíssimo sobre o que estamos fazendo aqui como amigos: nos ajudando a reconhecê-lo presente. Esta é a memória, que introduz uma tensão contínua: podemos permanecer “bestiais como sempre”, mas estamos “sempre em luta” (T.S. Eliot, *Coros de “A Rocha”*. In: *Poesia*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995, p. 189), não vamos a outro lugar, porque essa é a única possibilidade de tornar – como foi dito antes – a vida “vida”.

Escola de Comunidade. A próxima Escola de Comunidade por videoconferência será realizada na quarta-feira, 19 de maio, às 21h.

Durante este período trabalharemos sobre o ponto 3 do Capítulo 3: “Um povo continuamente desfeito e reconstruído”. Na Escola de Comunidade de maio, também trabalharemos o texto da Introdução dos Exercícios da Fraternidade.

Exercícios da Fraternidade. Como vocês sabem, os Exercícios serão realizados por videoconferência de 16 a 18 de abril. Lembro que as inscrições estão abertas até 12 de abril. Todos

os inscritos na Fraternidade receberam minha carta e as indicações técnicas para se inscrever e participar: leiam ambas com muita atenção para se prepararem adequadamente para o gesto e não esperar os últimos dias para se inscrever, a fim de facilitar a organização técnica do gesto. Lembro também que a inscrição é pessoal e é exigida de cada participante.

A Secretaria trabalhou para oferecer uma forma de participação que fosse a mais simples possível e tendencialmente ao alcance de todos. Se participar dos Exercícios presencialmente em Rimini era impossível para alguns, a modalidade de videoconferência pode fazer feliz aqueles que finalmente poderão participar, enquanto outros podem ter dificuldade por não serem capazes de lidar com ferramentas tecnológicas. Cada um faça como pode, oferecendo o que puder ou não fazer pelo crescimento da autoconsciência, própria e de todos.

Gestos da Semana Santa. Como antecipamos no mês passado, de forma extraordinária todos os adultos do Movimento são convidados a considerar a oportunidade de participar da Via Sacra por transmissão de vídeo proposta pelo CLU na tarde da Sexta-Feira Santa e, se possível, também nos outros dois momentos do Tríduo, na manhã de Quinta-feira e na manhã da Sexta-feira.

Os gestos serão transmitidos ao vivo na plataforma *Avvenimenti*.

Na segunda-feira, 29 de março, será publicado no site de CL o livreto com as músicas e as leituras do Tríduo do CLU, para que se possa acompanhar o gesto com mais atenção.

Se as circunstâncias de trabalho e de vida tornam isso possível, vamos aproveitar também essa ocasião! É um grande presente poder viver a Paixão de Jesus identificando-se na experiência do Tríduo da Páscoa, como Dom Giussani nos propôs, para que possa crescer em nós a afeição por Cristo plena de razões que tanto nos fascinou quando encontramos o Movimento.

O livro do mês para abril e maio [na Itália] será: *Sulla soglia della coscienza. La libertà del cristiano secondo Paolo*, de Adrien Candiard, editora EMI. O texto, disponível também em e-book, é um comentário sobre a carta de Paulo a Filemon. É uma ajuda para enfrentar tantas questões que nos interrogam atualmente. É uma leitura preciosa sobretudo para aprofundar o que significa dizer que o Cristianismo é um acontecimento que é oferecido à liberdade e não apenas um sistema de regras morais. Já dissemos isso em várias ocasiões: “Não há acesso à verdade sem liberdade”. A leitura desse livro é uma oportunidade de verificar isso novamente na nossa vida diária.

*Quem procura, acha.* É o título da nova Campanha de Assinaturas de Tracce [edição italiana da *Passos*], que começa nos próximos dias. Neste ano dramático, demos espaço às perguntas que explodiram em nós e em todos. E vimos acontecer fatos imprevisíveis. A revista quer continuar contando-os: é o instrumento mais simples para redescobrir e comunicar o tesouro que encontramos.

Até 20 de abril, será possível fazer a assinatura de “apoio” pelo preço especial de 40 euros. Lembro que fazer a assinatura também ajuda a sustentar o site de CL e as redes sociais.

Aproveitemos a Semana Santa, na qual todos somos convidados a nos identificar com os dias da Paixão de Jesus, para chegarmos à celebração da Páscoa e explodir de alegria, daquela letícia que o Cristo Ressuscitado nos comunicará.

Feliz Páscoa a todos!

Obrigado.